

«ACADÉMICO»»

Edição anual promovida pela Associação de Antigos Alunos do Colégio de S. Luiz

COORDENAÇÃO DA A.A.A.C.S.L.
N.º 10 - 18 DE SETEMBRO DE 2009 - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

EDITORIAL

Gratidão é um vocábulo que, nos dias de hoje, quase se não ouve, apesar de ser um dos sentimentos mais importantes no relacionamento entre os homens, entre estes e as instituições por onde passam e, posteriormente, com a sociedade onde se integram.

Gera-se espontaneamente, no entanto, para que se mantenha através dos tempos, é necessário ser originada por acontecimentos, ou factos importantes praticados de forma desinteressada em proveito dum indivíduo, dum grupo ou duma comunidade.

Pode resultar de imediato, no entanto o mais frequente é estabelecer-se com lentidão, acabando, muitas vezes, por perder-se no tempo, como se nunca tivessem existido as razões que a motivaram, por falta de sensibilidade ou má memória.

Gratidão e solidariedade sempre andaram de mãos dadas, mas quanto mais a sociedade de consumo evolui, no utilizar e deitar fora, maior será a probabilidade de desaparecerem como atributos fundamentais da Humanidade.

Vem esta conversa a propósito de recordar o dia (já lá vão onze anos) em que um punhado de antigos alunos do Colégio de S. Luís, não pactuando com o desinteresse em congregar todos quantos nele estudaram, decidiu fundar uma Associação capaz de o fazer e ainda revitalizar o Colégio extinto em 1968, através duma série de actividades anuais destinadas ao convívio, e a recordar, e homenagear, os Directores, Professores e Colaboradores que, com o seu saber e dedicação, nos ministraram conhecimentos que muito contribuíram para o singrar na vida, em conformidade com a vocação e capacidades de cada um.

Foi por gratidão ao Colégio que se fundou, em 1999, a Associação dos Antigos Alunos do Colégio de S. Luís e as iniciativas que entretanto vem levando a cabo, durante os dez anos da sua existência, certamente que ultrapassam, à partida, todas as expectativas e ainda hoje se teima em exigir mais e melhor dos seus Corpos Gerentes.

Apesar de termos consciência de missão cumprida, preocupa-nos sobretudo que duas importantes tarefas estejam por concluir: a publicação do livro sobre o Colégio e conseguir das Forças Vivas de Espinho, como é merecido, e agora que já existe um Museu, a reserva para o Colégio de S. Luís, dum local condigno onde possam ficar expostos, para a posteridade, os símbolos duma Instituição que, de 1922 a 1968, por inexistência local de Ensino Oficial, contribuiu de forma exemplar para a evolução de Espinho, no âmbito da educação e cultura.

Armando Jacinto

CONFRATERNIZAÇÃO ANUAL - 2008

Na Capela de N.ª S.ª da Ajuda, Eucaristia de Sufrágio, em memória de quantos, tendo já partido, foram do nosso Colégio: Directores, Professores, Colaboradores e Alunos.



Homenagem ao Nuno Barbosa, no 5.º aniversário do seu falecimento. Joaquim Júlio, com emoção, e como ele sabe, evocou a figura do Nuno, sócio-fundador e grande entusiasta pela criação e vivência da nossa Associação, onde sentimos a sua falta. Continua connosco, em recordação, na saudade, na amizade.



O almoço convívio anual, desta vez com 144 presenças, evento sempre imprescindível, onde se revive o passado e amizades que não se esquecem. Mais uma vez fica para a memória futura, na "Foto de Família".



Em feliz fim de festa, o inesquecível Sarau com o Grupo Coral da Justiça, do Porto: espectáculo magnífico, de excelente nível artístico e que entusiasmou.

POR MERAS COINCIDÊNCIAS DERAM-SE GRANDES DESVIOS (de intenção)

Nos meados do século passado o célebre "Dr. Pichelim" era uma das figuras mais características de Espinho. Nunca indaguei da razão da alcunha, nem sei se daqui era natural. De estranha configuração física, baixo, narigudo, desdentado, meio calvo e com uma acentuada deformação nas costas, o "Doutor", como era efectiva e carinhosamente tratado, era um empregado fidelíssimo e humílimo, mas notória referência do Casino, no tempo em que o jogo tinha um interregno de 30 de Novembro a 1 de Junho do ano seguinte. Então, nesse ínterim, o "Doutor" (se preferirem, o Sr. Montenegro), essa hermética e inofensiva criatura aproveitava para escrever e reescrever, diária e obstinadamente, o seu livro (ensaiou outros), que ostentava o pomposo título: **"POR MERAS COINCIDÊNCIAS, DERAM-SE GRANDES DELITOS"**. Ou era assim ou mais ou menos. Tinha uma letra muito certinha, mas praticamente ilegível e poucos a conseguiam decifrar. Não era o meu caso. Então preferia que ele me contasse o andamento da história. O "Doutor" confiava em mim e, mais do que uma vez, me relatou, exultante, que toda a Polícia perseguia tenazmente um terrível criminoso, mas que só ele, grande "Pichelim", estava a par do exacto paradeiro do meliante! E então ria e, muito feliz, esfregava as mãos de contente, sentindo-se na pele do artista e herói destemido. Reparem que este enredo se passava numa época bem remota, em que as forças da ordem tinham por missão descobrir e prender bandidos.

Já que o título do artigo foi decalcado do citado "livro", julgo que tem cabimento este momento de homenagem a uma personagem que, não sendo importante, marcou a minha geração, a que a precedeu e acho que até a que se lhe seguiu. Pela sua originalidade e carisma, o "Doutor" faz parte de um certo capítulo da lenda local. Outra justificação é o facto de este artigo ser uma pura consequência de uma feliz e oportuna coincidência. Estava eu, com todo o afã, a pesquisar no 'Google' imagens de Colégio S. Luís ou Espinho antigo, que pudessem ilustrar uma primitiva ideia, quando se me depara uma caterva delas, com um pormenor comum: todas eram assinadas por um tal Alberto Robaleiro. Como na grande galeria de imagens vinham fotografias do autor, a cara não me pareceu estranha. Foi então que se me deparou um 'blog' do próprio que explicava tudo. Alberto Robaleiro era o pseudónimo de um "velho" amigo, o Alberto Guimarães, antigo colega (mais novo) do nosso Colégio. O próprio S. Luís era tema de algumas entradas. Contactei o nosso homem e fui autorizado a transcrever algumas passagens, nas partes que mais interessassem ao jornal. Foi

assim, por mera coincidência, que mudei o rumo inicialmente traçado e me veio à mente o simpático e saudoso "Doutor"!

Joaquim Júlio

NOVO COLÉGIO, NOVAS CARAS

«Terminou o Verão de 1961 e as festas de Nossa Senhora da Ajuda. Entrou Outubro e chegou o dia de me apresentar no Colégio de S. Luís, cuja entrada principal se situava na esquina das Ruas 28 e 29. A sala da "Primária", onde se reuniam as quatro classes, era a primeira à direita de quem entrasse no corredor vindo do "recreio". Ansiava por saber, afinal, quem iria ser o nosso professor. Nos primeiros dias veio "entretêr-nos" o Prof. Madureira e depois vinha tomar conta de nós um prefeito já idoso, o Sr. Azevedo, que tinha o epíteto de "Mocho", talvez devido à sua fisionomia. Como em todo o lado, tive muitos coleguinhas de quem perdi o contacto. Existe a Associação de Antigos Alunos do Colégio de S. Luís, mas, estando eu para aqui, nesta "Roma Portuguesa", é-me muito difícil deslocar-me aos respectivos encontros.

Veio dar-nos aulas, alguns dias depois, o meu actual grande amigo Prof. Leonel Costa, que acumulava com a Escola Paroquial de S. Félix da Marinha, onde residia. Considerando que o horário não ficaria completo, pois não havia professor para a tarde, veio ocupar este período a Prof. Hermínia Barbosa.

Colégio novo, professores novos, colegas novos... e porrada velha, como em todo o lado. Seis anos de Colégio de S. Luís foram uma verdadeira odisséia que não cabe narrar num só artigo. Vamos devagarinho!

ooooo

Chegou o mês de Outubro de 1962 e com ele a minha entrada no 1º Ano.

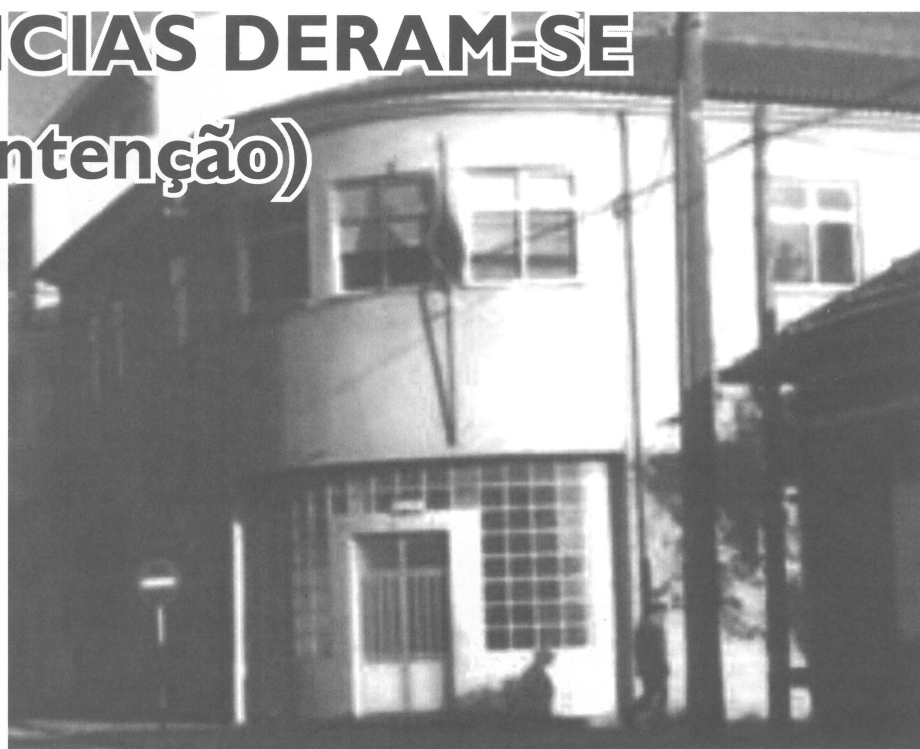
Nesse ano lectivo de 1962/1963, o 1º Ano constituía uma turma excepcionalmente grande e não ocupou a sua habitual sala, contígua à da "Primária", mas a que lhe ficava em frente, do outro lado do corredor, ocupada no ano anterior pelo 2º Ano. No entanto, ainda me lembro do nome da maioria dos colegas:

Adérito Ferreira do Couto
 Ângelo Manuel Loureiro Manero de Lemos
 Ângelo de Oliveira Tavares
 António de Oliveira Machado
 António de Oliveira Santos
 António Soares Godinho
 Camilo Aires Vaz Pina Cabral
 Eduardo Jorge Lima Borges
 Francisco José Peixoto Brancaamp de Mancellos

AGRADECIMENTO

A todos quantos nos enviaram colaboração, e cederam fotos, para este número, à Tipografia Meneses, à Nascente, na pessoa do Sr. António Gaio, pelo apoio que nos prestaram, o nosso reconhecido agradecimento.

NOTA - São da inteira responsabilidade dos respectivos autores, os textos e imagens, publicados neste jornal, não vinculando, de qualquer forma, "A Voz do Académico".



Gilberto Samuel Vasco Abelha
 João Fernando Viale Moutinho
 João José Dias de Castro Freitas
 José António da Câmara Pimenta de França
 José Manuel Morais Barros Pereira
 José Manuel Morais Machado
 Luís Filipe Pinto Moreira de Sousa
 Manuel José Morais Machado
 Manuel Oliveira Dias Heitor
 Mário Alberto Soares Pereira
 Sebastião Manuel Canha Couto

Alguns ausentaram-se definitivamente no fim desse ano lectivo, outros permaneceram no Colégio quase até ao seu encerramento e a outros ainda voltei a encontrá-los em estabelecimentos de ensino que frequentei posteriormente.

E agora as disciplinas e seus respectivos Mestres:

Matemática e Desenho - Eng. José Alberto Garcia Pinto Correia
 Português - Prof. António Rocha Madureira
 Francês - Prof. Manuel Sá Couto
 Ciências Geográfico-Naturais, Canto Coral e Moral - P. José Pereira da Costa
 Educação Física - Prof. Acácio Luz

Assim iniciei aquele que, por razões diversas, ainda considero o mais feliz de todos os anos da minha vida escolar. Tudo me deixou saudades: colegas, professores, os próprios métodos de ensino e mesmo as vivências fora do Colégio!

Alberto Guimarães

Nota: Transcrevi todos os nomes, pois julgo tratar-se de um registo curioso para estes antigos alunos. Pode até acontecer que alguns deles, "por mera coincidência" leiam o artigo, se entusiasmem e comecem a participar nos nossos encontros. Para já sei que o Alberto vai fazer todos os possíveis para estar connosco em Outubro.

Num determinado trecho, o Guimarães descreve o átrio do Colégio do seguinte modo:

«...havia uma grande tela representando S. Luís Gonzaga em vestes corais, ajoelhado em profundo recolhimento, diante de um altar onde havia um crucifixo e uma caveira...». Investiguei e fiquei a saber que S. Luís Gonzaga é o patrono da juventude e que os seus restos mortais repousam na Igreja de Santo Inácio, em Roma. Veio-me, subitamente, uma ideia à cabeça. Será um tanto ousada, mas fica o alvitre:

- E se a nossa Associação programasse um passeio à capital da Itália, que permitisse (a quem quisesse, é óbvio) visitar o túmulo do Santo que deu o nome à nossa Instituição?

Joaquim Júlio



CORPOS GERENTES PARA O BIÉNIO 2008/2010

Em 11 de Outubro de 2008, em Assembleia Geral marcada para o efeito e que decorreu numa sala do Hotel PraiaGolfe, repleta de associados e antes do almoço-convívio anual, foram eleitos, por aclamação, os componentes da única lista apresentada a sufrágio, para Corpos Gerentes da nossa Associação.

Eis os nomes dos dirigentes escolhidos para conduzirem os destinos da Associação, no decurso do biénio Out. 2008/Out. 2010:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente	José Alberto Garcia Pinto Correia
1.º Secretário	Maria de Lourdes H. M. Pinto Correia
2.º Secretário	Carlos Ledo da Fonseca

CONSELHO FISCAL

Presidente	Joaquim Júlio M. Marques de Sá
Vogal	Jorge Dias Salvador
Vogal	António Ribeiro de Sá

DIRECÇÃO

Presidente	Armando José Teixeira Jacinto
Vice-Presidente	Romeu Assis Marques Vitó
1.º Secretário	Maria Fernanda Neves A. R. Cardoso
2.º Secretário	José Antonino Amorim dos Santos Beleza
Tesoureiro	Marcial Ferreira Pinto Cardoso

FORAM(SÃO) DOS NOSSOS



Florentino Goulart Nogueira

Quando se fala do Florentino Goulart Nogueira, os colegas e antigos alunos do Colégio de S. Luís conhecem-no apenas como o autor do Hino do nosso Colégio. Os mais velhos que o conheceram e com ele privaram, lembram-se do poeta que animou o panorama cultural de Espinho, sobretudo através da sua colaboração no BO-

LETIM da Académica de Espinho, no RUMO, e dos recitais de poesia que tiveram, lugar no Salão Nobre do S.C.E.. Estávamos então no ano de 1948. Numa carta que me escreveu em 1992, Florentino recorda:

Em Dezembro de 1948, estreei-me, em Espinho (no salão do Sporting Clube de Espinho) como intérprete de Poesia (isso a que chamam declamador) perante público, num recital inteiro que terá durado cerca de duas horas (divididas em 3 partes). O êxito foi inequívoco (o teu falecido sogro, o poeta Carlos de Moraes escreveu: "galvanizou a numerosa assistência que ocorreu a escutá-lo"). Já se passaram 43 anos e quase meio. Muitos dos que assistiram tombaram, desde então, para a cova; outros dispersaram-se pelas retículas do globo; uns tantos aí permanecerão.

Na mesma carta fala-nos também da sua ligação a Espinho:

Naquele comovente (quase até às lágrimas) encontro de dois velhos, amigos velhos, na penúltima (ou última) curva da estrada da existência deste mundo, suspirando saudades mais que bernardinices pelo Espinho da minha alma e da minha juventude



(e da minha adolescência e, mesmo, um pouco da minha infância - 1º ano. 1931-).

Depois de sair de Espinho, da sua actividade cultural é bem elucidativa a nota biográfica que aqui se publica e que nos dá uma noção da sua envergadura intelectual. Esta nota ou currículo, como lhe queiram chamar, foi publicada no programa do SARAU DE POESIA, de Homenagem a Fernando Pessoa, promovido pela Universidade Livre, em Lisboa, no Teatro da Trindade, no dia 30 de Novembro de 1985 e que teve a colaboração, além do Florentino, dos declamadores Mariana Rey Monteiro, Armando Cortez e Fernanda de Figueiredo. Junta-se aqui a reprodução da face deste programa que coloca Florentino a par dos maiores intérpretes de poesia nacionais e comprova o seu lugar de destaque.

Grandes vultos da Literatura e da Arte de Portugal, e não só, têm o seu nome ligado à nossa terra, pela sua presença e preferência, emprestando-lhe prestígio, salvo os casos de Manuel Laranjeira, Carlos de Moraes e Marmelo e Silva que aqui viveram e trabalharam, dando á terra mais do que o nome. Salvaguardando as questões de dimensão, que são discutíveis, Florentino deu bastante a Espinho, como actor de trabalho cultural e como autor e, embora com obra de valor, espera ainda o reconhecimento a que tem direito.

Infelizmente já não é possível manifestar-lhe o nosso apreço e a nossa amizade, pois em Novembro de 2002, com 78 anos, foi vítima de um AVC que o deixou diminuído, sem fala, sem conhecer as pessoas, entregue a uma vida vegetativa, internado na "Resivida", em Santa Comba Dão, onde passa parte do tempo a recortar fotos de revistas, em busca de algo, talvez de um sonho cada vez mais distante...

Universidade Livre
UL

SARAU DE POESIA
HOMENAGEM
A
FERNANDO PESSOA



1935 - 1985

TEATRO DA TRINDADE
30 DE NOVEMBRO — 21h 30

ANTÓNIO GAIO

De quem é a Atlântida?

*Está incompleto o conjunto do meu livro.
Falta uma indicação escrita nele.
Luto com a minha mágoa e não me livro
Deste pensamento que ao tumulto me impele.*

*Meus pensamentos me açoitam e dividem.
Minha tristeza põe-me quedo e meditativo.
Sobre mim, flechas de desalento incidem.
E sou parado mas vivo.*

*Vila de Espinho. Noite. Inverno. Ninguém nas ruas.
As luzes calam, e pensam, e guardam a sua dor.
Minha vida é como a vila hoje, de ruas nuas.
Haverá sempre noite e luzes desiludidas aonde eu for?*

*Meus versos estão errados como as vias pelas quais erro.
Tu por engano vieste aos meus lábios entreabertos.
Reparaste, como eu, nestas grades de ferro
E na noite que ao meu coração dá ritmos incertos?*

*Estes versos errados... mas outro ritmo os abrange...!
Um ritmo superior, do qual só são perfume.
Suavemente, suavemente um alaúde plange...
A luz, forma de energia, tem promessas de lume...*

*Eis, apenas, notícia, sinal visível do invisível;
A tua vinda me tirou o humano engano.
Mais do que o Infinito és para mim Impossível.
Contigo aprendi que hei-de ser mais do que humano.*

*O infinito ganhá-lo-ei com sofrimento.
Tal como és, nunca te possuirei.
Mulher... Irmão... Amigo... Filho... Pai... Mãe... Deus... Oh! louco intento!
Tudo em um só... E eu desse tudo o rei...!*

*Minha insatisfação grita sobre a temura que te tenho.
Tua afeição confessada e tuas mãos? Talvez...
Talvez fosse bastante para a empresa em que hoje me empenho.
Mas para o meu ser inteiro tu não bastas tal qual és.*

*A noite se insinua nas coisas da Vila de Espinho.
As luzes, quedas, deixam a vida passar.
Penso na tua recusa. Tens razão. Fico sózinho
Como tu ficas... Lá em baixo anseia o mar.*

Goulart Nogueira

Poeta, crítico, ensaísta, contista, dramaturgo, doutrinador, declamador, encenador, produtor radiofónico.

Publicou: **Atlântida** (poesias, «Coleção Búzio» 1948). **Barco vazio em Rio de Sombra** (poesias, «Coleção Germinal». 1950), **História Breve do Teatro** (Verbo, 1962), **O Magriço** (conto infantil, Verbo, 1963), e traduções de Kleist, Strindberg, Apollinaire; Fulcanelli, Julius Evola, etc.

Foram levadas à cena a sua peça **A Ilha do Tesouro** (sobre um romance de R. L. Stevenson) e traduções suas de peças de Kleist, Sheridan, Hugo Betti, Shakespeare, Gogol, Caragiale, Cervantes, Molière, Strindberg, etc. Publicou peças para bonecos no jornal **Camarada**. Numerosas peças suas originais ou em traduções suas foram transmitidas pela Rádio e pela Televisão.

Recebeu alguns Prémios de Poesia. Seleccionado para diferentes Antologias Poéticas, (de Jorge de Sena, de E.M. Castro e M.A. Meneres, de Angel Crespo, de Cabral do Nascimento, de Fernando Guedes, de Rodrigo Emílio).

Fez crítica de Literatura, de Teatro, de Ballet, de Cinema, de Artes Plásticas, em múltiplas publicações (em semanários, desde **Cartaz** até **O Diabo**; em quotidianos, desde **Diário de Notícias** até ao **Diário da Manhã**; em revistas, desde **Prometeu** até **Flama**).

Fundou e co-dirigiu a «Coleção Germinal». Fez parte do corpo Redactorial da revista **Graal** e do Conselho de Redacção da revista **Tempo Presente**. Com o pintor Arthur da Fonseca, dirigiu a página de Artes Plásticas do **Diário do Norte**. Secretário e Assistente de Direcção do «Teatro do Gerifalto». Fundou e dirigiu a «Oficina de Teatro» da Universidade de Coimbra, produtor, autor e intérprete de diversos programas radiofónicos. Produtor e director do programa teatral **Eterno Romantismo**, na Televisão. Chefe de Redacção do jornal **Agora** (2ª fase) e da revista **Política**.

Pertenceu a vários júris do SNI (de teatro Declamado Profissional, de Teatro de Amadores, dos originais de Teatro, do Prémio Gil Vicente, de Cinema, do Prémio Antero de Quental), dos Prémios teatrais da Crítica (dos quotidianos de Lisboa), do II Festival Internacional de Teatro da Cidade de Lisboa; de outros. Fez parte da Comissão de Revisão da Lei do Teatro. Frequentou as Faculdades de Histórico-Filosóficas e de Direito, na Universidade de Lisboa.

Reconhecido como um dos nossos mais importantes críticos, apontado como um dos grandes poetas da actualidade, distinguido pelo seu nível singular de intérprete de Poesia, o prestígio de Goulart

Nogueira firmou-se em vários domínios.

A seguir se transcrevem algumas opiniões sobre o declamador:

*Na sua voz e nos seus gestos, reconheci, originária, a Poesia.
(Teixeira de Pascoaes)*

*Grande, admirável artista... é o intérprete ideal de José Régio
(Pedro Homem de Mello)*

*O mais inteligente, sensível e expressivo intérprete de Poesia
que até hoje apareceu na tv.
(Eduardo Freitas da Costa)*

*Um fenómeno se processa em Goulart Nogueira declamador,
na medida em que o poema interpretado revive, por quem
o interpreta, com a magia só esperada no momento da sua
criação. Deste misterioso e perfeito acordo entre o declama-
dor-poeta e a poesia resulta, mesmo no menos receptor dos
auditores, uma comunicável, indelével exaltação.
(Fernanda Botelho)*

*A sensibilidade, a inteligência e a cultura aliam-se, em Goulart
Nogueira, a um temperamento dramático verdadeiramente
singular, que fazem dele o ideal intérprete da Poesia. Excelente voz, dicção perfeita, gestos de nobre exactidão: e,
ao vê-lo transfigurado pelos próprios textos que interpreta, sentimos que o declamador é, ainda, e sobretudo, o
aedo, o possesso, o intermediário entre a beleza imorredoura e os mortais que nós somos.*

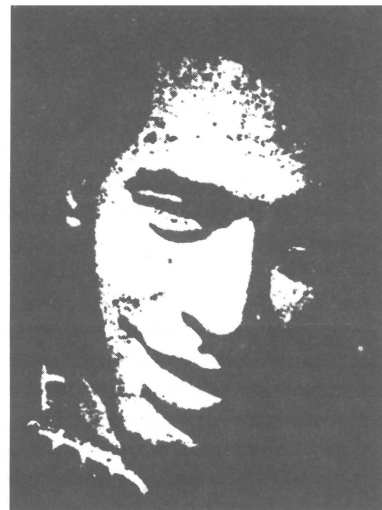
(David Moupão-Ferreira)

Galvanizou a numerosa assistência que ocorreu a escutá-lo.

(Carlos de Moraes)

Excepcionais dotes de intérprete da Poesia.

(José Marmelo e Silva)



RECORDANDO....

O ANO DE OURO DO VOLEIBOL DO COLÉGIO

O ano lectivo 1947/48 pode de facto ser considerado "o ano de ouro do Voleibol no S. Luís". As equipas do Colégio, quer no escalão de Vanguardistas, quer no de Cadetes, classificaram-se como finalistas do Campeonato Nacional da Mocidade Portuguesa.

Depois de terem vencido os seus adversários do Porto, Póvoa de Varzim, Amarante e Penafiel, conquistando os títulos de Campeões da Província do Douro Litoral, seguiu-se a eliminação dos representantes das Províncias do Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro primeiro e, depois, nas meias finais, os apurados da Beira Alta, Beira Baixa e Beira Litoral.

A final disputou-se em Lisboa, jogando os Vanguardistas contra o Liceu Camões e os Cadetes contra a Escola Valsassina. Embora nenhuma das equipas tenha conseguido o triunfo final, nem por isso desmereceram o prestígio que haviam angariado. Sem querer justificar os resultados obtidos, não se pode deixar no entanto de referir algumas circunstâncias adversas como, por exemplo, a fadiga causada pela deslocação, a estranheza do ambiente e mesmo o critério adoptado pela arbitragem, sempre discutível.

Passemos então a recordar algumas passagens desta jornada.

Começo por referir que para mim, bem como para a maior parte (talvez mesmo a totalidade) dos colegas, era a primeira vez que íamos a Lisboa. Nesse tempo ir a Lisboa não era prática corrente, não só pela distância e meios de transporte existentes, como pelas dificuldades financeiras com que então se vivia.

Ainda me lembro bem que partimos de Espinho num sábado, pelas 0 horas e 30 minutos, no comboio então designado 'correio da noite'. Uma noite de viagem, com paragem em todas aquelas estações que apenas, conhecíamos, pela obrigatoriedade de as ter decorado para fazer o exame da 4ª classe: Ovar, Aveiro, Pampilhosa, Coimbra, Alfarelos, Pombal, Albergaria dos Doze, Caxarias, Chã de Maças (hoje Fátima), Entroncamento, Santarém, Vila Franca de Xira e Sta. Apolónia. Uma noite sem pregar olho, passada a maior parte do tempo no corredor do comboio, à janela, apreciando as estrelas que, ilusoriamente, nos acompanhavam naquela viagem...

Chegados a Lisboa, por volta das 7 horas e 30 minutos, tínhamos à nossa espera na estação de Sta. Apolónia uma camioneta do exército, para nos levar até à Costa da Caparica, onde ficámos



Os responsáveis pelo Ano de Ouro

instalados na Colónia de Férias, que recentemente havia sido inaugurada. Aí passámos todo o sábado ... (e nós que pensávamos que íamos visitar Lisboa!...). Domingo, pela manhã, a mesma camioneta levou-nos para Lisboa, para o local onde disputámos as referidas finais.

Já não recordo como passámos a tarde, mas lembro-me perfeitamente que o regresso a Espinho foi, de novo, no 'correio da noite', só que agora em sentido contrário, como é óbvio.

Para que conste aqui fica a composição das equipas:

Vanguardistas - Valter de Castro Brandão (capitão), José Alberto Pinto Correia, Álvaro Mendes Tarrafa, Alberto Mário Horta de Oliveira, João de Oliveira

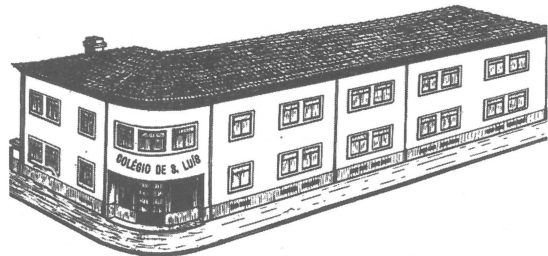
Salvador, Domingos Paulo Pereira Reis, Hermenegildo Pinto Pais e Humberto Madeira,

Cadetes - José de Jesus Bico (capitão), Mário de Miranda Valente, Valdemar de Castro Brandão, Narciso Gomes de Oliveira, João da Silva Simões, Humberto Eurico Ruano, Fernando Veiga Domingues e João Ernesto Coutinho Empis.

A fotografia tirada no Liceu D. Manuel II, no Porto, após uma das jornadas aí disputadas, mostra os componentes das duas equipas e um acompanhante, sempre estimado por todos: Florentino Goulart Nogueira.

José Alberto Pinto Correia

O "MEU" COLÉGIO



Aceito plenamente a ideia da obrigatoriedade moral de colaboração, relativamente ao nosso periódico. É que, se ninguém o fizesse... aumentavam os preguiçosos pela perda de hábitos de leitura, argumentando ainda com o facto de não terem que ler... e ia por água abaixo o negócio dos oculistas!

É certo que já não estou «virgem» nestas andanças, claro, mas volto... dando assim o jeito àqueles que, por comodismo... pretendem passar por tal!

Prometo não me referir ao Cristiano Ronaldo, nem ao Mourinho, como seria de bom-tom, embora toque em algo das suas «artes».

Entrei para o Colégio em 1932 (Sector Liceal).

Trazia as mãos calejadas da palmatória do Prof. Dias Afonso (Anta), pelo que a adaptação foi fácil. Apenas mais 1 km e tal de marcha a pé em cada percurso.

O «Carlos Preto» puxava pela corda do badalo da sineta, e a «malta», em procissão, ia direitinha à sua sala e carteira (notar que o sineiro gozava da fama e do proveito). E, só depois do corredor «limpo» é que as nossas colegas saíam do Gabinete de Química... nos imitavam, ocupando obrigatoriamente os lugares da frente. Naturalmente por questões logísticas. Se fora hoje, isto daria lugar a reivindicações por desrespeito pelos «direitos da mulher», mas, como todos sabemos, estávamos em ditadura.

Seguindo o provérbio latino "in medius est virtus" (efeito daqueles anos todos do latim do Padre Lírio) eu nunca fui brilhante, mas também nunca chumbei.

É certo que no final da aula elas se poderiam considerar vingadas... porque... nós, também, só podíamos abandonar a sala depois de ter desaparecido do corredor o próprio efeito do perfume que usavam. Em abono da verdade, também devo registar que nós também tínhamos os nossos «perfumes», mas esses eram consequentes do suor... pelos jogos... nos intervalos.

Nunca vi nenhuma sair pelo portão da rua 23 e eu nunca saí pela porta da rua 8.

Como nasci brincalhão, sempre fugia para o fundo da sala... por razões óbvias. Não posso deixar de lembrar aqui o colega Gonçalo, lá dos lados da Afurada e que nunca mais vi, que em matéria de malandrice tinha a escola toda. nem sei como os pais ainda lhe pagavam o colégio.

Mais tarde, já em África, vim a ter a confirmação desta tática. Tive um aluno chamado Xifombo (Tete, Moçambique) que não havia conseguido vencer o (actual) 6.º ano, porque a esperteza lhe havia fugido para a política. Metido na FRELIMO, por tal conseguiu ser nomeado Director Escolar do distrito a que pertencíamos, não sei quantas vezes maior que este nosso Portugal, mesmo em bicos de pés! Pois bem, o Xifombo

continua na página 9

BEBENDO NA FONTE DA SAUDADE

Telefonou-me um dedicado companheiro para me perguntar se já tinha feito o meu habitual artigo para "A Voz do Académico"! Respondi, quase envergonhado, que ainda não, porque andava a procurar um tema com alguma originalidade. Sugeriu, para me encorajar, que enviasse "à falta de melhor", uns versinhos alusivos e da minha lavra.

Tentei fazer-lhe a vontade, mas, mais uma vez "senti na carne" a erosão do tempo e que a minha débil inspiração já deu o que tinha a dar!...

Contudo, vamos ao "trabalhinho", considerando que sou dos primórdios do nosso Colégio, e como tal, já fui intitulado de decano pelo facto de me ter "alistado" nas suas fileiras em 1932, isto é, quatro anos depois do "S. Luís" ter nascido. Sendo assim, vou fazer uma pequena redacção, mesmo que me tenha de valer dos sacramentais "copianços".

Quando em 11 de Novembro de 1997 surgiu a "luz verde" para se avançar com o projecto da nossa Associação de Antigos Alunos, por razões óbvias, aventou-se a hipótese da referida não ir muito além dos dez anos de vida... Não obstante, o tempo tem passado e a principal missão tem sido cabalmente cumprida, isto é, manter viva a recordação do Colégio de S. Luís, que foi, durante quatro décadas, a principal fonte de cultura da nossa querida terra.

Parafraseando a seguinte legenda: "os mortos só morrem quando os vivos os esquecem"... nós diremos, também e sempre, que o Colégio de S. Luís viverá, enquanto não o deixarmos apagar da nossa memória!...

Vamos, agora, contar uma "estorinha":

- No dia em que fui fazer exame da admissão, no Liceu Alexandre Herculano, o meu tio Luís deu-me vinte escudos para despesas, que, nesse tempo, era um balúrdio. Aconteceu que, perto da Estação de Campanhã, havia um convidativa loja de comes e bebes e algumas iguarias.

Resolvi, com o bolso bem recheado, vestir-me na pele de companheiro altruísta e dar de "comer a quem tinha fome... de pastéis, e de beber a quem tinha sede de laranjadas e "pirolitos".

Quando cheguei a Espinho e tive que dar as contas ao meu tio Luís, entreguei os trocos e o resumo da despesa feita: tanto para isto, tanto para aquilo, e vinte e cinco tostões para coisas!...

O meu tio achou piada "às coisas" e deu-me, por esmola, um vinte a "matemática", nas contas de...sumir!

António Duarte Estêvão

PASSEIO A S. MIGUEL

Este ano o passeio/convívio anual foi à Ilha de S. Miguel Açores, e realizou-se nos dias 30, 31 de Maio, 1, 2 e 3 de Junho.

O grupo constituído por 36 pessoas saiu de Espinho, de autocarro, às 8 horas, rumo ao Aeroporto de Sá Carneiro e, depois do 'check in' e da obrigatória passagem pelo controlo, voou no "Corvo" da Sata até S. Miguel. À nossa espera já tínhamos um autocarro e o guia Tiago Viana que nos acompanhou durante todo o tempo que passámos na Ilha. Em Ponta Delgada ficámos instalados no Hotel Avenida****, bem pertinho da Avenida Marginal.

Depois de uns terem confortado o estômago com alguns petiscos, e outros com os pratos típicos regionais (porque o 'snack' que actualmente servem nos aviões é só mesmo para entreter a fome), a tarde foi passada a passear pelo centro histórico da cidade, e houve quem, para fugir à chuva e ao vento desagradável, viajasse de 'lagarta' (um comboiinho local) pela marginal, até à praia do Pópulo. Depois do jantar a maior parte das pessoas preferiu não voltar a sair, ficando em ameno convívio nas salas do hotel.

No 2º dia viajámos para o Nordeste, o conelho mais florido de S. Miguel. Começámos por fazer uma paragem no Miradouro do Pisão, donde se desfruta uma bela paisagem, tomámos um cafezinho na Ribeira Quente, na Povoação (onde se iniciou o povoamento da Ilha) provámos as 'fofas' e visitámos o mini jardim zoológico local; prosseguimos viagem admirando as enormes e magníficas 'cryptomerias japónicas', características da flora da Ilha e especialmente abundantes no Nordeste. Mais uma paragem, desta vez no Miradouro do Sossego, que encanta não só pela vista sobre o mar muito azul, que

se estende até ao infinito, batendo lá em baixo no fundo da arriba, como pelo espaço bem tratado, com lindos e coloridos canteiros de flores, e locais apropriados e bem equipados para piqueniques, com churrasqueiras, mesas e bancos de pedra sob coberturas de colmo, recipientes para os vários tipos de lixo. Aliás uma das coisas que nos impressionou, pela positiva, foi o aspecto limpo e cuidado de todos os locais que visitámos. O almoço (ótimo) foi no Restaurante 'Estalagem dos Clérigos' na Vila do Nordeste e de lá seguimos para o Parque Natural da Ribeira dos Caldeirões, onde admirámos a belíssima e imponente cascata. Regressámos pela costa norte fazendo mais duas paragens: uma no Miradouro do Salto do Cavalo, sobre a Lagoa das Furnas e outra no Miradouro de Sta Iria, com vista sobre a Ponta do Cintrão e toda a Costa Norte.

No 3º dia começámos por visitar uma estufa de ananases, a estufa Augusto Arruda. Enquanto atravessávamos a Fajã de Baixo, terra onde nasceram a escritora e poeta Natália Correia, o político Jaime Gama e o médico cirurgião Linhares Furtado, o nosso guia foi-nos contando que o ananás foi trazido da América do Sul no séc. XIX, como planta ornamental, e só depois se começaram a fazer grandes plantações em estufas, para suprir a crise da laranja, motivada por uma peste que destruiu os laranjais (laranja amarga, importada pela Inglaterra para fazer a 'marmelade'). No decorrer da visita às estufas aprendemos que são precisos 18 meses para produzir um ananás, que a 'brota' está 6 meses no estufim, numa 'cama quente', dá 4 rebentos que são separados e transplantados para a estufa, que quando a planta atinge determinado tamanho é feita uma fumigação para



Parte do grupo que disfrutou as belezas de S. Miguel

induzir a floração; que os vidros das estufas são pintados de branco para não deixar passar os raios solares e muitos outros pormenores, que a maior parte de nós desconhecia. Na loja da estufa houve prova do licor de ananás e muitos não resistiram à tentação de enriquecer a sua garrafeira, ou a dos amigos, comprando uma garrafinha! Dali seguimos para a Vista

do Rei, o Miradouro sobre o conhecido 'ex-libris' de S. Miguel, a Lagoa das Sete Cidades. Ao subir a montanha a neblina adensou-se e os nossos receios concretizaram-se quando chegámos ao Miradouro: não se via absolutamente nada! Das águas azuis (as lágrimas choradas pela Princesa da história que se

continua na página 9

ESTIVEMOS EM TRÁS-OS-MONTES

A nossa Associação aproveitou os dias 21 e 22 de Fevereiro, sábado e domingo de Carnaval, para uma deslocação às acolhedoras terras flavienses.

Um tempo primaveril, um autocarro de luxo da Empresa Hoteleira do Gerês, um exímio motorista e uma escolha criteriosa dos restaurantes e hotel, muito

contribuíram para alguns dos desígnios desta viagem inesquecível: convívio, conforto e qualidade.

A primeira paragem em Amarante serviu, entre outras coisas, para pôr à prova o elevado grau de aptidão do nosso condutor, Sr. Albano. Uma incrível manobra no centro da cidade deixou

boquiabertos todos os passageiros e embasbacados muitos dos transeuntes que pararam para assistir. Teve direito a merecidos aplausos.

Já na Régua, por gentileza do Sr. Prof. Fernando Pinto, Presidente da Direcção da Cooperativa de Vale do Rodo e meu amigo desde os tempos da Guiné, que mandou abrir as instalações (era sábado) propositadamente para a nossa comitiva, tivemos a oportunidade de fazer uma pormenorizada visita às suas adegas (onde se produz o famoso vinho "Cabeça de Burro"), assistir à exibição de um filme alusivo às diversas fases do processo, desde a vindima ao engarrafamento, e degustar um saborosíssimo Vinho do Porto. Pessoalmente, tive a prova do vinho fino e a prova de que a amizade é um sentimento imperecível. Obrigado Fernando!

Seguimos depois para o Restaurante Varanda da Régua, onde fomos recebidos com entranhável hospitalidade e alto grau de profissionalismo. Numa sala privada, foi-nos servida uma refeição farta, variada, muito bem confeccionada e ricamente "regada"! Daquele restaurante tem-se uma vista privilegiada para o Douro e a simpatia dos proprietários (pai e filho Olívio) é verdadeiramente cativante. Parabéns. Todos ficaram muito agradados e com vontade de voltar.

A nossa estada na Régua terminou com uma visita ao Museu do Douro, onde estavam patentes duas exposições: a permanente, com motivos locais e inerentes às suas especificidades (com destaque para a agricultura e vinhas) e outra, intitulada: Barão de Forrester Razão e Sentimento - Uma História do Douro, sobre esse escocês, homem de grande cultura, poeta, desenhista, aquarelista e grande estudioso da região.

Depois foi a partida para o moderno e magnífico Hotel Casino Chaves, onde jantámos e assistimos a um belo espectáculo de variedades, o "Mundo Latino". No dia seguinte tivemos manhã livre, que muitos aproveitaram para passeio, ida à Missa, ou compras.

O almoço foi no Restaurante "O Conde", nas Pedras Salgadas. A excelente comida e amabilidade do serviço não foi estranha para a maioria dos comensais, que já tinham, em anterior passeio, saboreado os primores culinários daquela formidável cozinha!

Depois foi o regresso a Espinho e estou perfeitamente convencido de que ninguém esperou pela quarta-feira de Cinzas para observar uma rigorosa dietinha!

Joaquim Júlio



A medalha da Associação para o Prof. Fernando Pinto

E FOMOS ATÉ SETÚBAL

Quarta-feira 2 de Setembro. Foram 44 quantos fruíram a última viagem do programa - 2009 da nossa Associação. Para 4 dias de são convívio, com turismo, gastronomia, cultura e lazer, cuja meta era a península de Setúbal. Á partida, eu mero turista, agora livre de tarefas directivas, "mandaram-me" fazer o histórico da viagem, com o Jornal já na tipografia, felizmente, este ano, a dar dores de cabeça, não por falta, mas por excesso de colaboração. Por isso, só uma resenha, para aflorar os pontos que mais terão - cada qual com a sua opinião - dado no goto.

Começámos no célebre Sitio na Nazaré - espaço envolvente com toque turístico -, onde o D. Fuas foi sortudo, diz-se graças a um milagre, mas pode ter sido que o cavalo - que não era burro - não tenha estado disposto ao trambolhão. Um salto à concha de S. Martinho do Porto, bem esculpida pela natureza, com retoques da mão humana e foi-se almoçar às Caldas da Rainha, onde, de tarde, uns gozaram o esplendor da arte no Museu Malhoa e outros o remanso do parque, que podia estar mais bem tratado. Finou-se a tarde no Castelo de Palmela, donde, sobretudo, se desfruta de bela e multifacetada paisagem e lá se foi em direcção a Sesimbra, para "acamparmos" no Hotel do Mar.

No 2.º dia (5ª feira, 3), cruzamos a

famosa Serra da Arrábida, castigada pela decisão controversa de quem, em área protegida e de beleza natural, permitiu instalarem poluente cimenteira, para o porto de Setúbal e, de "ferryboat", demandamos a sossegada península de Tróia, em edificação, sobretudo de infra-estruturas complementares e passíveis de criarem as essenciais condições de apoio a quem lá se instalou e aos turistas, como nós, que não têm sequer um café... à mão.

Dali, fomos a Comporta e voltamos à meninice visitando "A Escola", edifício escolar recuperado ao antanho, mas onde agora a aula é de... gastronomia, com um almoço 5 estrelas, de cunho alentejano, a melhor e mais apreciada refeição do passeio. Visitamos o centro de Setúbal, voltamos ao hotel para o jantar que teve uns "parabéns a você", com bolo, vela e canto, pois a D. Angelina fazia 25 anos e... mais alguns, mas isto está a tornar-se um hábito nela, e já o ano passado, na mesma altura, em Sanxenxo a festa foi a mesma. Desta vez, até trouxe a neta!

No 3.º dia (6ª feira, 4), de novo Setúbal, para irmos de "catamaran" num cruzeiro no Sado em busca dos golfinhos, mas os interessantes e inteligentes animais fizeram-nos esperar e, quase desesperar. Por fim, compensaram-nos com magnífico "show", de habilidades e brincadeiras. Almoço em Setúbal - quanta saudade tivemos de "A Escola", não foi? -, prova de



vinhos numa adega de Palmela, passagem por Azeitão, para apreciar a localidade e, sobretudo, em busca dos famosos queijos. Aí um reencontro com o Pedro Sá Morais, um dos colegas do S. Luiz, que, morando por ali, veio conviver connosco e, em especial, com o irmão Quim Júlio e a cunhada Teresa.

Doloroso é o regresso (sábado, 6), mas lá tem que ser. O nosso motorista passou pela capital, a modos de um "cheira a Lisboa", calma num sábado de manhã, para buscarmos o castelo de Torres Novas, no pino do calor do meio-dia e muitos não tiveram a coragem de ir lá arriba, ficando pela frescura de um agradável jardim, enquanto os valentes assistiram à inauguração da recuperação da fortaleza, com "víps" e tudo. Como a Associação gosta de estar prevenida, de surpresa propiciou um simulacro de

despiste de um dos excursionistas, aliás o mais indicado, o "maratonista" Zulmiro, e com sucesso, pois todos os meios de busca resultaram. Almoço em Tomar e visita ao Convento de Cristo, um dos "ícones" da cidade dos Templários, com passagem pelo bonito parque da cidade, na procura da confeitaria onde há as famosas iguarias locais, mas àquela hora, já foram poucos os que conseguiram a habitual doçura para os familiares.

A paragem da ordem na estação de serviço na Bairrada, e a chegada a Espinho, com todo o mundo satisfeito pelo êxito de mais um passeio da Associação, com bom desempenho da Agência que os organiza, portanto saldo bem positivo, com um ou outro senão sem influência, pois óptimo é inimigo do bom.

Carlos Sárria



EM V. N. DE CERVEIRA

Eram 56. Em 4 de Agosto. Stop em Viana do Castelo, café e visita ao centro histórico.

Depois, V. N. de Cerveira, subimos, com bela paisagem, até ao Convento S. Paio, espaço de sonho, nos confins, fundado em 1392, recuperado pelo multifacetado artista, o escultor José Rodrigues, que aí expõe muitos dos seus trabalhos ("Finalmente este convento volta a cumprir o seu destino como lugar de meditação e de encontro, para partilharmos

com os outros as nossas diferenças", realça o artista).

Almoço na Casa da Anta, que devia ter sido típico e melhor.

Visita à Bienal de Cerveira - 2009, opiniões divididas (a arte tem muitas facetas!), excepto quanto à "empregada doméstica" e ao "polícia" (eram de carne e osso?).

Pausa na sempre airosa Ponte de Lima e... Espinho, com todo o mundo satisfeito.

Carlos Sárria

VISITA AO MUSEU DO VINHO DA BAIRRADA E ALMOÇO NA QUINTA DO ENCONTRO

O dia 3 de Abril foi, praticamente, preenchido com um passeio até à famosa e formosa Região da Bairrada, pejada de vinhedos de diversas castas. Onde há vinhas é claro que há uvas e, concomitantemente, vinhos! Vinhos estes que, nos finais do séc. XIX, se expandiram pelo mundo, ao mesmo tempo que se produziam os primeiros espumantes, cuja qualidade logo foi reconhecida em Paris, na Exposição Universal, com Medalha de Ouro!

Tudo isto (e muito mais) nos foi explicado, e em pormenor, nesta visita ao seu **Museu do Vinho**, instalado num edifício muito bonito, de linhas modernas, construído especialmente para esta função, segundo um projecto do Arq. André Santos e sob a tutela da Câmara Municipal de Anadia, tendo sido

inaugurado a 27 de Setembro de 2003.

Às 11,00 h. começou a visita e logo deparámos com uma exposição temporária de "cartoons" que retratavam, com humor, tinha de ser, figuras conhecidíssimas do Desporto, das Artes e da Política.

A exposição permanente, espalhada por seis salas temáticas e muito bem montada, mostrou-nos de forma interactiva e acessível, com projecção de vídeos alusivos, todas as fases da produção do vinho e todos os artefactos e materiais inerentes. Tudo isto muito bem apoiado por uma simpática e competente Guia. Realçamos, do seu riquíssimo espólio, algumas garrafas de vinhos e licores que pertenceram à garrafeira de Salazar e uma original e valiosa colecção de saca-rolhas.



De seguida, rumámos para a **Quinta do Encontro**, uma adega moderna, de arquitectura verdadeiramente inovadora. Um espanto e uma grande 'descoberta' do simpático casal Pinto Correia. Este edifício revela-se pelo seu design "sui generis", cujo projecto foi iniciado em 2005 e resulta de uma feliz criação do Arq. Pedro Mateus. A Quinta deve o seu nome à sua localização: fica próxima do sítio da Cruz do Encontro, lá para as bandas de Mogofores. Ali fomos tratados como reis!

Lembremos a ementa:

APERITIVO - Acepipes variados e Espumante 'Quinta do Encontro'

ENTRADA - Folhado de Queijo da serra com Mel e Vinho Branco Bical

PRATO PRINCIPAL - Leitão Assado em Forno a Lenha com Vinho Tinto e Espumante Tinto

SOBREMESA - Duo de Tarte de Águeda com Fruta Laminada e Vinho do Porto LBV.

Tudo isto servido por um pessoal eficiente, simpatíssimo, cooperante e compreensivo

Ainda deu tempo para um passeio 'digestivo' na Cúria. Bela jornada, com um tempo magnífico! Sorte a nossa.

Joaquim Júlio

O MILAGRE DO “LIMÕES”...

Satisfazendo as inúmeras solicitações por parte da Direcção da Associação dos Antigos Alunos do Colégio de São Luís, no sentido de serem desenterrados factos vividos por alunos e professores desse inesquecível Colégio, aqui vai o relato “ipsis verbis” do que passados tantos anos apelidarei de “MILAGRE DOS LIMÕES”, por analogia com o MILAGRE DAS ROSAS DA RAINHA SANTA ISABEL.

Como é sabido, o Colégio de São Luís não só foi uma “Universidade”, inigualável de formação académica, por força do competetíssimo corpo docente que sempre teve, como foi um Colégio, que durante anos a fio, deu cartas nos Campeonatos Nacionais de Voleibol da MOCIDADE PORTUGUESA, do então chamado Estado Novo.

Vem isto a propósito de uma cena “surrealista” passada há mais de 60 anos em Mangualde, cena essa em que o escrevinhador destas linhas, e os seus companheiros da equipa de vanguardistas de voleibol dessa “Universidade”, foram, ao mesmo tempo, actores e vítimas.

Se a memória não me falha, foi num sábado ou domingo de Maio de 1944 ou 1945.

Nesse dia aconteceram factos desportivos importantíssimos...

O glorioso Benfica e o Futebol Clube do Porto gladiaram em Viseu uma final de futebol do Campeonato Nacional de Juniores. E o Colégio de São Luís disputou em Mangualde, contra o Colégio local, dois jogos do Campeonato Nacional de Voleibol de cadetes e vanguardistas da Mocidade Portuguesa.

Todos os jogos eram a eliminar, isto é, jogava-se sempre ao “bota fora”.

Cabe referir que nos Campeonatos Nacionais de Voleibol da Mocidade Portuguesa o Colégio de São Luís era o tombo gigantes, invencível, e, por isso, impunha sempre “muito respeitinho” nos Liceus e Colégios onde jogava, graças aos ensinamentos, competência, empenhamento e disciplina, impostos por esse insigne Professor e “coach”, Dr. António Neves, que tão extraordinário era a ensinar Matemática, Física ou Química, como a treinar vanguardistas e cadetes das equipas de voleibol do Colégio, muito embora a tudo isto haja que opor as finais, em Lisboa, contra os do Instituto Superior Técnico ou da Escola Valsassina, pois aí, como “soe dizer-se”, o vinho era de outra pipa.

Para melhor situar os factos no tempo, ou seja, “In perpetuum rei memoriam”, refiro que frequentei o Colégio de São Luís durante 7 ou 8 anos, o último dos quais já na extinta Pensão Particular, situada entre as Ruas 21, 4 e 6.

Quando entrei, o Colégio laborava ainda no edifício do Marquês da Graciosa que confrontava com as Ruas 23, 8, 12 e 21. O edifício tinha duas entradas. Uma pela rua 8, que dava acesso directo à Secretaria, onde foi feita a minha matrícula no Curso Geral dos Liceus, e a outra pela rua 23, por um grande portão de ferro que dava para um logradouro. Do logradouro passava-se directamente para a sala da Instrução Primária dirigida pelo Prof. Vilarinho que ficava mesmo em

frente ao portão, ou para o grande campo de futebol e ginásio, ou para as salas de aula dos Cursos Gerais do Comércio e do Liceu.

Na porta de entrada do corredor que dava acesso às salas de aula, havia uma memorável sineta com badaladas distintas para rapazes e raparigas, já que o Colégio nos dois primeiros anos da minha frequência, era misto.

As badaladas do sino eram da responsabilidade de um aluno, designado para o efeito no início do ano escolar, aluno esse que tinha de estar muito atento às horas de entrada e saída das aulas.

Recordo agora, com risco de olvidar um ou outro, os Professores a quem tanto devo a minha formação como Homem.

Presto a todos esses Professores a minha maior homenagem, veneração, agradecimento e respeito.

Eles formaram HOMENS...

Eles promoveram, como ninguém, o desenvolvimento cultural, social e desportivo de Espinho e não só...

Eles, sem excepção, foram inultrapassáveis, no desbravamento de “cérebros” inertes.

Era um Colégio de prestígio, competência e dignidade. Os Professores eram todos de 5, 6 ou mais estrelas... Cito-os com a maior saudade e admiração...

Nos primeiros anos tive em Matemática, e mais tarde em Biologia, o Dr. Pinto Correia, que, para nós jovens irreverentes, tinha a extraordinária particularidade de ser ao mesmo tempo rigoroso severo e bondoso, e que a propósito do “atrito” nos disse que o atrito desenvolve sempre calor menos na sopa de nabos -...

Em Francês, leccionava o Padre Lírio e em conversação a Madame Constante Pereira

O Padre Lírio era uma figura avantajada que não se levantava da secretária, mas, quando notava infracções disciplinares nas aulas, fazia voar, em direcção à cabeça do ou da infractora, a caderneta escolar com os seus grandes parafusos amarelos e de orelhas. E não é que só raramente falhava o alvo?... Mais, tinha o hábito de classificar, oralmente, as leituras de francês com valores e mãos cheias, pois dizia 12 valores e uma mão cheia, 15 valores e duas mãos cheias e assim por diante...

Em Português era o Prof. Madureira, que, tão certinho como um relógio suíço, nos ensinava a sintaxe, a ler e a interpretar os textos, a dividir as orações, e de quem recordo que o “que” podia ser tudo menos um verbo -...

Em Desenho e Trabalhos Manuais imperava o Dr. Carneiro, pessoa sorridente, e que muitas vezes, depois das meninas saírem da aula, nos reunia junto à secretária para contar anedotas, um tanto ou quanto picantes para a nossa idade. Recordo, também ouvi-lo dizer que uma aldrabice bem feita, num desenho, valia o mesmo que um trabalho bem feito...

Em Geografia, mandava o Prof. Azevedo, a quem se alcunhava de “Mocho”, e que conjuntamente com o Sr. Nestor, desempenhava a função de Perfeito. Dele retenho a ajuda que dava



Ladeados pelo Dr. Pinto Correia e Dr. Neves, estão os “Chupadores”: João da Granja, Charters, Bandeira, Joaquim Moreira da Costa, o sobrinho do Dr. Neves e José Lago



Aqui os “chupados”: César, João Gonçalves, Mário Valente, Ramiro, Gaioso, Jorge Moreira e o autor de todo o arazoado.

quando os alunos esqueciam determinado rio de França, que ele dizia que tinha umas rodas muito grandes pois era o Ró... da... no...

No Canto Coral e Música, havia os Professores Fausto Neves e Henriques, que nos afinavam as vozes, faziam-nos solfejar e cantar o sol-e-dó nos compassos binário, terciário e quaternário, e nos enfiavam as mínimas e semínimas, as fusas e semifusas, e as colcheias e semicolcheias...

Havia, também, o Dr. Carvalho Fraião, penso que nos dava Ciências Naturais, mas era o nosso “carrasco”, pois quando alguém falhava em coisas fundamentais, funcionavam valentes apertos de orelhas e não só...

Depois, o Dr. Neves, para quem não tenho comentários, tão extraordinário era em tudo o que lhe dizia respeito...

O Dr. Constante Pereira que dava História Universal, Organização Política e Administrativa da Nação...

O Sr. Padre Costa, “um gentleman”, que ensinava Filosofia...

O Prof. Figueiras que leccionava Latim, e que na primeira aula nos enfiou que o Latim era uma língua muito fácil e económica porque não tinha artigos. Só que depois vinham as terríveis declinações, a gramática, e a ginástica mental e o tempo que eram necessários para se fazer uma “simples” tradução de 4 ou 5 linhas de texto...

Em Inglês predominava o Prof. Sá Couto que, coloquialmente, entre nós, era o “teacher”.

Um vegetariano, coisa estranha naquele tempo...

De vez em quando, trazia para as aulas, e dava-nos a comer, bocadinhos de pão integral e nozes...

Fazia percursos... a pé de Ovar a Espinho!

Falava em caminhadas de 24 horas...

Por vezes, nos intervalos das aulas, fazia no recreio o pino e violentos exercícios de ginástica, que nos deixavam embasbacados...

Era uma pessoa “sui generis” para o tempo e para a idade que já então tinha...

Vamos, agora, à parte desportiva onde se insere o “milagre” em título.

O Dr. Neves e o Dr. Pinto Correia, acompanhavam sempre as equipas de

voleibol do Colégio, jogassem onde jogassem, só que, no tal jogo de Mangualde, tanto os vanguardistas como os cadetes, tiveram mais um ilustre acompanhante, que foi o Prof. Sá Couto.

Jogaram primeiro os cadetes, e, como eram favas contadas, julgava-se que iam ganhar facilmente, mas, para espanto de todos, perderam, porque, sendo realmente bons, os de Mangualde eram melhores.

Perante aquele fracasso, e talvez na convicção de que os vanguardistas iriam também perder, tal fora a superioridade demonstrada pelos alunos do Colégio de Mangualde, os Drs. Neves e Pinto Correia, preferiram não assistir à provável derrota dos vanguardistas que jogavam a seguir, e foram para Viseu ver a final de futebol entre o Benfica e o Porto.

E foi assim que os “infelizes” vanguardistas ficaram à guarda do Prof. Sá Couto, o “Realizador do Milagre”, não por técnicas ou tácticas que tenha inventado para o jogo, mas sim por outro facto...

Disputado o jogo, os vanguardistas do Colégio de São Luís derrotaram os do Colégio de Mangualde!

Foi uma alegria...

Entre pulos e abraços os “heróis” dirigiram-se para os balneários...

E aconteceu o MILAGRE!!!!

Resquícos de rodela de limão, que haviam sido chupadas até ao tutano pelos cadetes, transformaram-se, por obra e graça do Prof. Sá Couto, em ressuscitadas rodela de limão!!!

Pois não é que, o dito Professor, as apresentou num prato e obrigou-nos a chupar as já chupadas e mirradas rodela de limão, dizendo: não tendes nojo uns dos outros, pois nas cascas também há vitaminas - !!!...

E assim, nós, vanguardistas atónitos, fomos actores e vítimas das chupadas rodela de limão, um tanto ou quanto já ressequidas, e que, “miraculosamente” ressuscitaram no prato e foram por nós “inocentemente” rechupadas por obrigação do Prof. Sá Couto...

E para que conste, mostram-se nas fotos alunos/jogadores intervenientes na cena. Alguns já não fazem parte do mundo dos vivos. Recordo-os com saudade.

José Jesus Bico



RELATÓRIO DE ACTIVIDADES E CONTAS 2008

A Direcção da Associação dos Antigos Alunos do Colégio de S. Luís, nos termos do Artº. 22 dos seus Estatutos, submeteu, na devida oportunidade, e aprovado por aclamação, à apreciação dos seus Associados o Relatório de Actividades e Contas do ano de 2008. O Programa de Actividades, aprovado em A.G. de 13 de Dezembro de 2007, foi cumprido quase na totalidade.

Continuámos com a recolha de elementos sobre o Colégio para publicação. Trata-se de um trabalho moroso, que não tem tido a colaboração dos antigos alunos como seria de desejar e que é imprescindível. Esperamos, contudo, conseguir realizar o trabalho a que nos propusemos.

Não tivemos possibilidade de prosseguir na concretização do compromisso, oportunamente assumido pela Direcção, de homenagear todos os Professores do Colégio. Como é do conhecimento dos associados já homenageámos os Professores que felizmente ainda se encontram entre nós e quase a totalidade dos que, tendo já partido, estão sepultados em Espinho (falta o Professor Mário Neves).

Como vinha acontecendo desde Fevereiro de 2003, realizava-se mensalmente o " Serão do S. Luís ". Todavia, dada a reduzida participação e interesse demonstrado por parte da maioria dos associados, decidiu-se suspendê-los, a partir de Novembro de 2008.

Constituíram, de facto, momentos agradáveis de encontro, partilha e recordação entre os participantes.

Destacamos, dos Serões realizados em 2008, o de Fevereiro, que assinalou o 5º. aniversário e em que participou como convidado o ex-aluno do Colégio, Sr. António Gaio, que em " Conversa com ..." tendo como moderadores, Carlos Sárria e Joaquim Júlio, " pôs em relevo a importância do Colégio e dos seus mentores".

Durante o ano tiveram lugar 3 Assembleias Gerais:

- Em 7 de Março para análise, discussão e aprovação do Relatório de Actividades e Contas da Direcção relativos a 2007;

- Em 11 de Outubro (Assembleia Eleitoral) para eleição dos Corpos Gerentes, para o biénio Outº. 2008/ Outº. 2010.

- Em 11 de Dezembro para aprovação do programa de Actividades e Orçamento para 2009.

Realizámos também várias viagens, com objectivos culturais sem, no entanto, termos descurado os aspectos turísticos e de convívio e que foram do agrado geral dos participantes:

- Visita à " Exposição de Arte e Cultura do Império Russo nas Coleções Ermitage ", na Galeria de pintura do Rei D. Luís, no Palácio Nacional da Ajuda e à Exposição Berardo, no Centro Cultural de Belém.

Foi nos dias 7 e 8 de Fevereiro, com 49 participantes que, aproveitando a estadia na zona de Lisboa, foram jantar ao Casino do Estoril para assistir ao excelente espectáculo " Four Espíritos dos Elementos".

- Em 17 de Abril visitámos a Sé Catedral do Porto (Claustros e Tesouro) , a Casa Museu Guerra Junqueiro e a Igreja de Santa Clara.

Participaram 53 associados e familiares. O meio de transporte usado foi o comboio e, mais uma vez., se utilizaram os óptimos serviços da Messe dos Oficiais do Porto para almoçar.

- O Passeio Convívio Anual teve lugar de 27 a 30 de Maio e o destino foi o " Circuito Saloio ". O grupo era mais reduzido que habitualmente, apenas 31 participantes. Fez-se "quartel general" na Ericeira donde se partiu para visitar Sintra (Palácio da Regaleira, Castelos dos Mouros, Palácio da Pena), Mafra (Convento, Basílica e Tapada), a típica Aldeia Saloia de José Franco, Azenhas do Mar, Praia das Maças, Colares, Cabo da Roca, Guincho, Cabo Raso, Boca do Inferno, Cascais, Estoril, Queluz (Palácio Nacional de Queluz , onde fomos recebidos por " figuras da sua época"- em quadros vivos).

- Em 7 de Agosto, um grupo de 52 associados ou familiares, visitou a Póvoa de Lanhoso (Castelo e Museu do Ouro), Ponte de Lima (Festival Internacional dos Jardins, subordinado ao tema - Energias no Jardim) e Viana do Castelo.

O almoço, típico da região, foi no Restaurante do Monte da Madalena, donde se pôde admirar uma deslumbrante paisagem do Alto Minho.

- Mini-Férias de quatro dias (3 a 6 de Setembro) em Sanxenxo, com 47 participantes. Aproveitando a viagem ao longo da costa Galega até à praia de Silgar , em Sanxenxo, onde nos instalamos, subimos ao Monte de Santa Tecla (sem neveiro) e visitámos Baiona onde almoçamos e subimos á Virgem de La Roca.

No segundo dia visitámos La Toja e El Grove e passeámos em catamaran na ria de Arousa, onde pudemos observar corais, vegetação, cardumes de peixes e os viveiros de "produção industrial " de mexilhões), que provámos.

No terceiro dia visitamos o Mosteiro do Poio e Combarro e viajámos ao longo da costa formada pela ria de Arousa, passando Vila Garcia de Arousa e Cambados. A estadia em Sanxenxo foi do agrado geral, apesar dos períodos de chuva forte.

- Jornal "AVoz do Académico" sob a coordenação de Carlos Sárria: foi publicado em Setembro o nº. 9, que, como os números anteriores, pelo seu conteúdo, organização e aspecto gráfico muito dignificam a nossa Associação.

- Confraternização Anual, realizada em 11 de Outubro teve o seguinte programa:

- Eucaristia de Sufrágio;
- Romagem ao Cemitério Municipal de Espinho, com homenagem ao sócio fundador da Associação, Dr. Nuno Barbosa;
- Fotografia de Família;
- Almoço Convívio, no Hotel PraiaGolfe com 144 participantes;
- Sarau pelo "Grupo Coral da Justiça" - Côro, Grupo Instrumental e Grupo de Cantares e danças Populares no Cine

Teatro Casino de Espinho.

Destacamos dois momentos do dia :

- A homenagem ao Dr. Nuno Barbosa, grande dinamizador da criação da Associação dos Antigos Alunos do Colégio de S. Luís, e que fez parte dos seus Corpos Sociais desde o início até ao seu falecimento (23/09/2003)

- O Sarau que pela sua qualidade, riqueza, alegria e diversidade mereceu por parte da assistência, que enchia completamente a sala, uma justa e longa ovação de pé.

Diremos para terminar que as diferentes iniciativas de 2008 foram do agrado geral, conforme nos foi transmitido por diversos participantes. Como em anos anteriores o ambiente em que decorreram foi muito agradável, de sã convivência, possível graças à amizade, tolerância e colaboração de todos os participantes.

A Associação dos Antigos Alunos do Colégio de S. Luís agradece:

- À Câmara Municipal de Espinho e à Junta de Freguesia de Espinho a colaboração prestada e a disponibilidade

e simpatia com que sempre nos acolheram;

- Ao Pároco de Espinho cedência de instalações para a realização dos " Serões do S. Luís";
- Ao Turismo de Portugal - Serviço de Inspeção de Jogos pelo subsídio que anualmente nos tem concedido;
- À Empresa Solverde pela cedência da sala do Cine Teatro, para a realização do Sarau;
- Ao Grupo Coral da Justiça pelo Sarau excelente que nos proporcionou;
- Às Instituições que tornaram possível as nossas iniciativas;
- Aos Órgãos de Comunicação Social de Espinho pela oportunidade e disponibilidade com que têm difundido os nossos comunicados e actividades;
- Aos nossos associados e amigos que têm contribuído para o êxito das diferentes iniciativas.

A Direcção
Espinho 30 de Março de 2009

MOVIMENTO DAS CONTAS REFERENTES AO ANO 2008

DESCRIÇÃO	DÉBITO	CRÉDITO
SALDO C/ ORDEM EM 31/12/07		2.114,53
SERÕES DO S. LUÍS - DESPESAS	76,30	
VISITA À EXPOSIÇÃO "ERMITAGE"	8.110,01	8.510,00
VISITA À SÉ - PORTO		26,00
PASSEIO À ERICEIRA - CIRCUITO SALOIO	12.044,81	12.312,50
PASSEIO A PONTE DE LIMA	2.055,85	2.210,00
VIAGEM A SANXENXO	14.700,30	14.505,00
JORNAL "A VOZ DO ACADÉMICO"	787,71	
HOMENAGEM AO DR. NUNO BARBOSA	265,70	
CONFRATERNIZAÇÃO ANUAL		
- Hotel PraiaGolfe	4.032,00	
- Despesas: Circulares, Correio, CD's	<u>366,96</u>	
	4.398,96	4.208,00
DESPESAS COM O SARAU	875,24	
DESPESAS COM A ASSEMBLEIA GERAL DE 11/12/08	52,28	
OFERTA À PARÓQUIA DE ESPINHO	50,00	
DESPESAS BANCÁRIAS	18,67	
QUOTAS RECEBIDAS (181)		2.715,00
SUBSÍDIOS:		
- Inspeção de Jogos	1.056,79	
- Associados	<u>95,00</u>	
		1.151,79
TRANSFERÊNCIA PARA CONTA A PRAZO	4.000,00	
SALDO CREDOR	316,99	
TOTAIS	47.752,82	47.752,82

SITUAÇÃO EM 31 DE DEZEMBRO DE 2008

Conta à ordem	316,99
Fundo de Investimento	10.775,10
Conta a prazo	<u>4.000,00</u>
TOTAL	<u>15.092,09</u>

O Tesoureiro, Marcial Cardoso

O «MEU» COLÉGIO

continuação da página 4

disse-me um dia que a escola não estava organizada. Fiquei sem perceber, mas ele, acto contínuo, esclareceu: além da direcção normal da escola, deveria haver um director em cada turma e um chefe em cada fila de carteiras que deveria ocupar, estrategicamente, a carteira do fundo. Dava-se um «espiro» na aula e, a FRELIMO, que tinha a sede mesmo em frente, seria logo notificada da ocorrência. Apeteceu-me perguntar-lhe se não deveria usar binóculos e como remediariam o atropelo na informação...mas, naquela data e local, qualquer destas dúvidas poderia dar direito a uma bala na cabeça e...calei-me.

Bati um recorde: em sete anos, àquela meia dúzia de colegas não disse uma única palavra!

Uma das minhas grandes alegrias foi quando vi, pela primeira vez, o meu nome no quadro preto integrado na selecção do Colégio para jogar em qualquer parte. (Não sei se contra o Manchester ou o Milão). Havia apenas um senão: eu gostava

de jogar na posição de defesa direito, mas colocaram-me a half (médio) do mesmo lado. Acabei por ser aceite no lugar que queria. (jogava-se no 2-3-5 em oposição ao actual 4-3-3). E a verdade é que, ainda depois de ter deixado o Colégio, me procuravam para a sua representação. Uma espécie de «Figo»...um pouco mais «maduro».

Internamente a grande rivalidade era o Liceu/Comércio, sendo eu o capitão do Liceu e o Alfredo, de Paços de Brandão, que nunca mais vi, o do Comércio. A cachopada formava atrás da baliza sul, numa plataforma um pouco mais elevada, fazendo para lá a normal gritaria! (ainda há bem pouco tempo encontrei nas escadas do Tribunal um dos Paulas que se mostrou muito feliz...referindo-me como um ídolo da bola).

Também havia assistência externa...mas de borla! Eram os presos da cadeia camarária a espreitar pelos postigos. Mas como só conseguiam ver a grande área do lado norte, seria injustiça

obrigá-los a pagar!

No final do dia, pelas 17 h., havia o «aquecimento» para os trabalhos de casa: um treino no campo em frente à actual Câmara, totalmente livre (parece-me incrível como é que hoje já tem árvores daquele porte!). As sacolas dos livros definiam os postes das balizas, os segundos árbitros não inspecionavam as redes, a barra horizontal era definida pelos guarda-redes (não me lembro se escolhíamos os mais baixos). O grande problema era se havia batido na barra ou não, mas...lá nos entendíamos (afinal hoje também há problemas quanto ao ter ultrapassado ou não a linha final!). A bola era comprada num clube de ténis por 3\$00, situado, mais ou menos, onde é a actual Câmara.

E quando as luzes nas habitações começavam a surgir (no inverno) acabava o jogo...mesmo sem apito do árbitro. Lá íamos para casa preparar as lições do dia seguinte à luz da candeia de petróleo, mais tarde vela, petromax e, finalmente, electricidade mas com lâmpada de 25 "watts" para se poupar.

Quero aqui deixar o meu profundo

agradecimento ao Dr. Neves. Nasci com espírito de disciplina e procuro só apenas se mantenha pendente apenas aquilo que nasceu para viver como tal. Ele e a sua matemática deram-me ajuda. A Universidade do Porto ofereceu-me um 17 ou 18 (já não me lembro bem) no exame de admissão à Licenciatura. Mas...

...o então Ministro da Guerra de Salazar, Santos Costa, que se gabava de ter a lei na ponta da sua caneta, com uma Nota Confidencial (portanto ilegal) da qual tenho referência, entendeu que eu não devia ser «dótor» e mobilizou-me para os Açores (estávamos em plena Segunda Grande Guerra). Deu-me, pois, a «Nota Final».

Hoje, olhando para trás, não sei se foi azar pelos perigos e dificuldades por que passei e o curso que perdi...ou se sorte pela felicidade de os ter vencido e pelo conhecimento alargado do próprio mundo e da vida que, naturalmente, essa vitória me forneceu.

Sousa Marques

PASSEIO A S. MIGUEL

continuação da página 5

conta sobre a Lagoa) e das águas verdes (lágrimas dos olhos do Pastor), que se reúnem debaixo da ponte que une as duas lagoas, só tivemos um vislumbre dum Miradouro mais abaixo, o do Cerrado das Freiras. Feita uma curta paragem nas Sete Cidades, para um café e para a visita à Igreja de S. Nicolau, voltámos a subir a montanha para nos extasiarmos com a Lagoa de Santiago, mais pequena mas belíssima, no fundo da cratera, com árvores e arbustos descendo em declive até à borda da água. Continuámos para o Pico do Carvão, um Miradouro donde, em dias límpidos, (o que não era o caso porque o nevoeiro nos continuava a perseguir) se consegue ver nitidamente os dois lados da ilha. A estrada serpenteava por entre pastagens verdes, com dezenas e dezenas de vacas e foi altura de sermos informados, pelo nosso competente e incansável guia, de todos os pormenores sobre a produção do leite e dos produtos dele derivados.

Almoçámos em Ponta Delgada, no '100 Espinhas', um dos restaurantes do Molhe, nas Portas do Mar - sopa de funcho, bife de espadarte grelhado e pudim de chá preto. De tarde fizemos a visita guiada, a pé, ao centro histórico Portas da Cidade, do séc. XVIII, Igreja Matriz, em estilo manuelino, e Convento de Nossa Senhora da Esperança. Aqui foi-nos contada a história da Imagem do Senhor Santo Cristo, de como foi oferecida a duas religiosas que se deslocaram a Roma e que a trouxeram para a Ilha de S. Miguel, e de como o seu

culto foi difundido por Madre Teresa da Anunciada. Depois visitámos a Igreja e a Capela onde se encontra a Imagem e, dado que tínhamos anteriormente pedido autorização, tivemos acesso ao Tesouro do Senhor Santo Cristo dos Milagres, do qual fazem parte o Resplendor, a Coroa, as Cordas e o Ceptro, símbolos da Paixão e Morte de Cristo, que adornam a Imagem quando sai em procissão solene pelas ruas da cidade, no 5º Domingo depois da Páscoa. Do Tesouro fazem também parte várias Capas, igualmente bordadas a ouro e ornadas de pedras preciosas, a maioria oferecida por particulares em cumprimento de promessas, sendo que uma foi oferta do Rei D. João V, feita de brocado igual ao do seu manto real. No 'Livro de Visitas' deixámos uma mensagem, em nome da nossa Associação, assinada pelo Presidente da Mesa da Assembleia Geral.

No 4º dia saímos bem cedo. Subimos a íngreme encosta da Serra de Água de Pau para ver a Lagoa do Fogo; infelizmente o nevoeiro intenso e a chuva não permitiram desfrutar a vista que por muitos é considerada ainda mais bonita que a da Lagoa das Sete Cidades. Descemos então até à Caldeira Velha e, depois de alguns minutos a pé, por entre uma vegetação luxuriante, fetos enormes, que se erguem magníficos junto a rastejantes e minúsculos morangos selvagens, chegámos à Caldeira, uma piscina natural de água quente, onde tiveram lugar algumas das cenas da

telenovela "Ilha dos Amores". Prosseguimos o passeio até à Ribeira Grande, fomos à famosa Loja da Capucha, onde houve prova de licores, vimos a Igreja Matriz e os Jardins, com destaque para os gigantescos metrosíderos, que na época em que florescem parecem árvores de Natal. Depois seguimos por Porto Formoso e S. Brás para uma visita à Fábrica da Gorreana: vimos as plantações de chá (*camellia sinensis*) e, na fábrica, todo o seu percurso e tratamento, desde que as folhas lá entram até à sua embalagem em saquetas ou em pacotes. Provámos os vários tipos de chá (preto e verde) e comprámos umas boas dúzias de pacotes para oferecer à família e amigos, como recordação dos Açores. Estava então na hora de ir retirar o célebre cozido dos buracos escavados no solo, junto à Lagoa das Furnas, espectáculo raro que atrai ao local inúmeros turistas, que a seguir o vão saborear num restaurante, no nosso caso no do Hotel Terra Nostra. Findo o almoço fomos visitar o Parque Terra Nostra que é lindíssimo, e nem a chuva nos impediu de percorrer as veredas, de apreciar as flores, de admirar as Ginkgo Bilobas e outras árvores centenárias, bem como os lagos com nenúfares e cisnes pretos. Depois fomos ver as Caldeiras: impressionante fenómeno vulcânico, mas também assustador, as fumarolas elevam-se dos buracos onde a água ferve em cachão! Na Caldeira de Pedro Botelho mais do que o fumo impressiona o barulho que vem das profundezas da terra! Apesar do forte cheiro a enxofre todos quiseram provar a água da Bica Azeda, ali bem perto, até

porque dizem que é ótima para ajudar à digestão do cozido.

Regressámos a Ponta Delgada com breve paragem em Vila Franca do Campo, a primeira capital da Ilha. Bem gostaríamos de ter visitado a Igreja Matriz e a da Misericórdia mas apenas pudemos apreciar as fachadas ... porque estavam fechadas! Também era nossa intenção provar as famosas queijadas locais, mas não as conseguimos encontrar em parte alguma, porque na véspera tinha havido festa ... e tinham vendido tudo! Só não ficámos desiludidos com o Ilhéu: esse estava lá, frente a Vila Franca ... e foi muito fotografado!

Findo o jantar, no Hotel Marina Atlântico, assistimos à exibição do Grupo Etnográfico "Ilha Verde", que apresentou um reportório variado, cantando e dançando folclore açoriano e convidando alguns dos presentes para dançar com eles um dos números. Foi uma noite animada e divertida que contou também com a presença do Adelino Couto, antigo aluno do Colégio, há anos a residir e a trabalhar em S. Miguel.

O 5º dia resumiu-se a uma madrugada, com despertar às 5 horas e saída do avião às 9. O voo foi tranquilo e todos estavam contentes. Tudo tinha corrido bem. É certo que as hortênsias ainda não estavam no máximo da floração, é certo que a chuva e o nevoeiro tinham impedido que se apreciasse a beleza da Ilha em todo o seu esplendor, mas tinham-se visto paisagens inesquecíveis e, acima de tudo, todos vinham com vontade de voltar e de conhecer as outras Ilhas do Arquipélago dos Açores.

Maria de Lourdes Pinto Correia

OS QUE NOS DEIXARAM

Com o nosso sincero pesar, registamos os nomes dos antigos alunos que, entre o Jornal do ano passado e este, partiram para a viagem sem regresso. Com as desculpas por qualquer falha, só possível por não termos tido conhecimento.

- ALBERTO AMÉRICO BRITO
- ALEXANDRE SIMÃO TOSCANO
- CARLOS AFONSO PINHEIRO DE MORAIS GAIO
- CARLOS ALBERTO BRAGANÇA MOUTINHO
- CARLOS MANUEL VICENTE NUNES GAIOSO DE PENHA GARCIA
- GUSTAVO ALVES GESSLER
- HIGINO RAMALHO MENDES
- JERÓNIMO DE SÁ E SILVA

E, também, a D. Maria Teresa de Barros Pereira, esposa do Dr. Virgínio Pereira que, não tendo sido aluna, era companha do marido, uma presença constante nos nossos eventos, irradiando simpatia, afabilidade e amizade

CONFRATERNIZAÇÃO ANUAL - 2009

Dia 10 de Outubro (Sábado)

PROGRAMA

- 10.00 h - **Eucaristia de Sufrágio**
pelos Directores, Professores, Colaboradores do Colégio e Colegas já falecidos, na capela de Santa Maria Maior (Nossa Senhora d'Ajuda)
- 11.00 h - **Romagem ao Cemitério Municipal de Espinho**
com homenagem ao Prof. Mário Neves
- 12.30 h - **"Fotografia de Família"**
na porta de entrada do Hotel PraiaGolfe
- 13.00 h - **Almoço-Convívio** no Hotel PraiaGolfe

À CONVERSA COM...

FERNANDO “TROMPETE”

“O S. Luiz foi fundamental para o êxito que tive na vida”

Se vos falar de um tal Fernando Pereira dos Santos, cavalheiro de 81 primaveras, natural de Argoncilhe, empresário em Caracas, Venezuela - no ramo da distribuição de produtos oftálmicos -, poucos o identificam como um dos nossos, nossos por ter vivido o Colégio de S. Luiz e ser, no seu tempo, famoso entre a malta.

Mas se, no entanto, citar o seu “nome de guerra”, pelo qual era conhecido, como ainda hoje o é, a malta dos anos 40 e tais, não falhará. Claro, refiro-me ao Fernando “Trompete”, com quem tive saboroso diálogo, que aqui trago, embora limitado pelas exigências de espaço - ele é bom conversador, prene de histórias e boa memória -, que será uma espécie de entrevista e o meu contributo para esta edição, após nove anos como responsável pela sua coordenação.

E foi, assim, a conversa - entrevista:

- “Trompete”, porquê Fernando?

- Por tocar, julgo que bem, esse instrumento. Fazia parte da Banda dos Bombeiros de Espinho, tocava para a malta, tocava na praia, em festas e tinha sempre quem fosse atrás de mim para todo o lado. Não faltava audiência. Mas o trompete não servia, só, para tocar. Era até muito útil, nos tempos da nossa juventude.

- Como assim?

- A malta andava muitas vezes tesa. O dinheiro era curto e queríamos comprar qualquer coisa, ir ao cinema e não havia cheta. Aí, o trompete salvava a situação. Metia-o debaixo do casaco, sobretudo ou gabardine, e lá íamos à casa de penhores,

na rua 14. A malta avisava quando não passava ninguém, e eu entrava e punha o trompete no “prego”. Estava salva a situação.

- E, depois, para o tirar de lá?

- Sim, porque precisava dele para as actuações. Se houvesse dinheiro fazia-se uma cotização entre a malta. Se não, arranjava-se outra coisa para por no “prego”. Lembro-me que, uma vez, o Costinha, sobrinho do Padre Costa, até pôs lá uma manta. O tio deu com ele no dormitório cheio de frio e, como sabia da marosca, perguntou-lhe pela manta. Face à enrascadela do sobrinho, pediu-lhe a “cautela” do “prego” e deu-lhe o respectivo dinheiro para o resgate.

- E por causa do trompete, não te livras de ser conhecido, mais de que por Fernando Santos, por Fernando “Trompete”?

- Até gosto, não me ofende nada, muita gente só me identifica assim e, além disso, traz-me um mar, diria antes um ror de oceanos, de boas e inesquecíveis recordações.

- Muitas por teres vindo para o Colégio. Como foi?

- Vim pela mão do Padre Costa. Estudava no Colégio dos Carvalhos. Primeiro, frequentei o Colégio quando era na Pensão Particular. Depois no novo S. Luiz, fui interno. Dois anos maravilhosos e não esqueço os meus companheiros de internato de então: o João Empes, Costinha, João Simões, Hermenegildo Pais, Florentino Goulart Nogueira e muitos mais. Em particular, o Rui “Preto”, um camaradão, com quem privei ainda na Pensão e, anos após eu ter

deixado o Colégio, foi-me visitar a Argoncilhe.

- Não podes, portanto, esquecer o Colégio, o ambiente, os professores, os colegas?

- Impossível. Como esquecer professores como o Dr. Neves, Dr. Pinto Correia, Dr. Marmelo, Padre Costa, Sá Couto e tantos outros? Ali, estudava-se, aprendia-se, tínhamos bons mestres, disciplina, instrução, educação, boa camaradagem, traquinices, enfim, tudo isso me marcou. E saliento este pormenor, que pode parecer de somenos, e não é: o Padre Costa, o Dr. Pinto Correia, comiam com os internos no refeitório.

- Foi importante, mesmo para a tua vida?

- O que lá aprendi, a educação que recebi, foram bases importantes no êxito que, felizmente, tive na vida.

- Conta lá uma das traquinices...

- Foi com o saudoso “teacher”, o Prof. Sá Couto, com quem aprendi inglês que me foi muito útil. Era um bocadinho circunspecto e, isso, levava a gostarmos de lhe pregar partidas. Um dia comprei um despertador, marquei a hora do alarme e coloquei-o numa carteira, de maneira a que, em plena aula, tocasse para gáudio da malta e irritação habitual do “teacher”. Imagina como ele ficou! Enfim, rapaziadas.

- Esse teu sorriso indica que há mais?

- O César Alonso dizia que tinha uma “úrcera” no estômago. Ora a comida no Colégio era boa e, para velarmos pela sua saúde, evitando que comesse, pois assim ficava mais para nós, sobretudo se era



prato apetitoso, inventávamos histórias de ciganos que acampavam nas imediações do Colégio, dizendo que comiam as maiores barbaridades. A “úrcera” do César não aguentava e ele desistia de comer... em nosso proveito.

- Vens muito a Espinho, também ao nosso almoço anual e até trazes a família. Porquê?

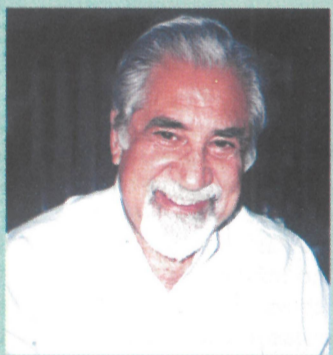
- Espinho é a minha pátria. Adoro desfrutar Espinho. Pena é que tenham destruído referências, pois eram “ex-libris” e história de um Espinho de grande qualidade e que hoje, em tantos aspectos, está deteriorado, está pior. Venho ao almoço, pelo que foi o Colégio para mim, pela confraternização anual, uma magnífica ideia, para conviver, para rever velhos amigos. Trago os meus filhos, adultos, que ficam encantados pela maneira como se vive esse convívio, envolto em amizade, camaradagem e saudade.

A terminar:

- Virei sempre que puder, pois a minha vida ainda é em Caracas, mas, cá ou lá, quero que me considerem sempre um amigo e para aqueles com quem não privar, mas que, também, foram do nosso S. Luiz, o Fernando “Trompete” mandalhes um abraço.

Carlos Sárria

CARTA DO BRASIL



Recebi um pedido, mais que um pedido, uma intimação da Lurdes e do Pinto Correia, para escrever algumas linhas para o jornal dos Antigos Alunos do Colégio de São Luiz.

Já são passados tantos anos, uns 66, se não erro no contar... mas onde não erro é no lembrar o menino tímido, magro, de poucos amigos, devorador de livros, que sonhava correr o mundo, ler muitos livros e conhecer gente de outros lugares.

Os poucos anos que frequentei os estudos foram suficientes para, juntamente com o muito ler, alicerçar a base cultural que me serviria para tornar realidade o que eu queria: sair de Portugal e conhecer o mundo.

Para mim ficar em Portugal era como morrer. Lembro-me, ainda hoje, que escrevi um conto para o “Rumo” que terminava assim: “o rapaz volta da cadeia e num quarto pobre, doente, olha os seus livros, tuberculoso, o sangue escorrendo pela boca, deita fogo aos livros. Os livros ardem, lentamente ardem. O rapaz morre, lentamente morre.” Um conto piegas, sem valor literário, mas que esperar se quem o escrevia tinha uns 16 anos, queria o mundo e morava em Espinho, Portugal, Salazar?... A censura devolveu o conto: uma grande cruz vermelha.

Aqui me permito falar do Gaio. O que fez e faz no campo editorial pode não parecer muito, mas foi e é imenso. Se em Espinho as ruas não são nomeadas, então há que lhe destinar um busto, que ficará muito bem, pois a sua cara, de tão simpática, agradará a todos.

A quem Espinho está devendo um preito de homenagem é ao Dr. Pinto Correia e ao Colégio de São Luiz, incluindo todo o seu corpo docente. O Colégio significou muito para Espinho nos anos em que esteve aberto e teve imenso valor na formação da juventude que o frequentou.

Por falar no Colégio de São Luiz lembro-me que, uma esquina acima (falo do antigo Colégio, nas Ruas 8 e 23) tinha uma vendinha onde eu comprava fava-rica. Riam-se de mim e diziam: “Isso é comida de cavalos!...” Talvez seja uma dessas recordações de criança que lembramos na velhice. A primeira namoradina era uma beleza, determinado doce era o doce melhor que comemos, o pirolito era um refresco delicioso... enfim recordações de criança que, quando mais tarde temos oportunidade de conferir, bem melhor era terem ficado mesmo como recordação!

Antes de sair de Espinho, em 1953, o poeta Carlos Morais, tio de Carlos de Morais (este uma vocação perdida como cronista), apresentou-me ao Dr. Miranda, director do “Jornal de Notícias”, do Porto, que, depois de me entrevistar, e como eu ia emigrar para a Venezuela, me nomeou correspondente do jornal em Caracas.

Estive em Caracas um ano e meio, mas a mesma vontade que tinha de sair de Portugal tinha em sair da Venezuela. Todos só pensavam em ficar ricos, dinheiro, dinheiro, dinheiro. Devo fazer justiça: havia um, que era o poeta Moreira, figura típica que Espinho conheceu, que pensava diferente.

Um dia, sem falar com familiares que lá estavam, comprei uma passagem de navio e, com 100 dólares no bolso, parti rumo ao Brasil, São Paulo.

Aí começa outra história. Chego em plena democracia, eleições, comícios... Assistia a todos que podia e participava. Antes, Salazar e Perez Jimenez; agora a liberdade de falar e escrever sem medo.

Emprego fácil, novo emprego, muitas viagens; em São Paulo a luta contra a ditadura salazarista, depois a minha entrada no mundo dos livros, como editor. Com outros portugueses fundei diversas editoras que tiveram vida curta. Viajar... só pelo Brasil, que o consulado não me dava passaporte.

Com a minha entrada, em 1968, na Editora Verbo, filial da Editorial Verbo, de Lisboa, como sócio, o problema de não ter passaporte se agrava, pois era necessário ir periodicamente a Portugal. Um dos donos da Verbo é o Dr. Fernando Guedes, que conseguiu que me liberassem o passaporte. Homem de direita que com o correr dos anos passei a admirar, primeiro como poeta e escritor; depois como amigo. Essa convivência ajudou-me a ser como sou hoje discordar dos outros quando pensam diferente, pode-se e deve-se discordar, mas quando o oponente é honesto devemos conversar; o que não podemos é ser donos da verdade, fanáticos, mal comum tanto à direita como à esquerda. Isso me permitiu, quando tive que tratar com o Dr. Marcelo Caetano assuntos editoriais, ouvi-lo em longas conversas, embora com o Dr. Marcelo mais ouvia que falava. Sem rancor. Era um prazer, como sempre é quando se fala com pessoas de alto saber, mesmo que discordando do que dizem, ouvir a sua opinião sobre qualquer assunto.

Se conversar com pessoas inteligentes é um belo exercício, dou-me por feliz. Convivi com grandes poetas, escritores, políticos que atingiram a fama. Mas bom mesmo é conversar com gente, por mais humilde que seja, quando é ética, honesta e acredita no que diz.

Melhor só, é ter amigos, como a Lurdes e o Pinto Correia.

São Paulo, 30 de Agosto de 2009

Abílio Rodrigues